



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

SETOR DE EDUCAÇÃO

XX SEPE - SEMANA DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO DO SETOR DE  
EDUCAÇÃO/2006

## GRAMSCI: A DIALÉTICA MARXISTA

Regina Maria Michelotto

Universidade Federal do Paraná

Palavras-chave:

Materialismo Histórico e Dialético; Metodologia; Política.

### Resumo Expandido

Realizar pesquisas com base no marxismo é o que se propõem professores e estudantes do Mestrado e Doutorado da área *Educação e Trabalho*, que faz parte do programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Paraná. A fundamentação metodológica dessa área de pesquisa é a Filosofia da Práxis, o que, para os iniciantes, representa uma complexidade, tendo em vista que as contradições não são descartadas, pelo contrário, assumidas e analisadas, na busca de sua superação. Esse encaminhamento dado à reflexão diverge daqueles que levam seus investigadores a tentar articular interesses contraditórios, ou mesmo que desconsideram essa categoria. Os estudos realizados nessa área temática aprofundam o conhecimento das obras de Karl Marx e de autores marxistas em geral. Assim, entende-se que a obra de Antonio Gramsci, embora inacabada, representa um privilegiado referencial para o estudo da metodologia do Materialismo Histórico e Dialético. Na disciplina *Política e Educação em Gramsci* que faz parte da Linha de Pesquisa *Políticas e Gestão da Educação*, constituinte da área acima indicada, com mestrandos e doutorandos, destaca-se e se analisa os importantes subsídios desse método de investigação ali encontrados. Apresenta-se aqui o estudo de alguns cadernos do cárcere. Constatou-se que os estudantes da disciplina sobre Antonio Gramsci

encontram nessas referências apoio para desenvolver suas próprias pesquisas dentro da linha metodológica proposta.

Dirigida a mestrandos e doutorandos, a disciplina “Política e Educação em Gramsci”, foi organizada a partir de dois eixos principais: o político e o metodológico. No primeiro, analisa-se de que forma as idéias do pensador italiano Antonio Gramsci favorecem a compreensão da realidade política brasileira, com ênfase na educação, tendo em vista que os alunos dessa linha de Pesquisa se propõem a estudar políticas públicas educacionais. Já o segundo, referente ao tema aqui apresentado, diz respeito à utilização que o autor faz, em sua análise da situação da Itália, do mundo e do capitalismo em geral, de uma metodologia baseada nas categorias marxistas, com vistas, portanto, à organização de outra sociedade: de uma sociedade transformada.

Pretende-se, no mini-curso proposto para a **XX SEMANA DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO – SEPE**, desenvolver análises sobre esse tema. Aqui, entretanto, respeitando o limite de páginas, far-se-á, exemplarmente, a exposição de alguns trechos.

Há que se destacar, também, que na vasta obra do autor em foco, encontra-se não apenas metodologia de pesquisa, mas também estratégias metodológicas para a ação revolucionária, às vezes imbricadas.

### **Destaques metodológicos**

Inicia-se aqui o eixo do presente trabalho apresentando trechos gramscianos, com destaques metodológicos e análises. Os exemplos apresentados serão extraídos da obra de Valentino Gerratana: GRAMSCI, A. Quaderni del cárcere Einaudi Tascabili, Torino, 1974 e 2001.

**1** - Gramsci discorre (Cad. 1. p. 1559; p. 17) sobre a necessidade de que o *Moderno Príncipe* tenha “uma parte dedicada ao *jacobinismo* (...) como exemplificação do modo pelo qual se formou concretamente e atuou uma *vontade coletiva*”. Quando, porém, destaca essa categoria, afirma ser preciso definir “a vontade coletiva e a vontade política em geral, no sentido moderno, a vontade como consciência operosa da necessidade histórica, como protagonista de um drama histórico real e efetivo”. Fiel ao seu objetivo, jamais perdido de vista, de oferecer reflexões que contribuam para a criação da nova e almejada sociedade, Gramsci relaciona sempre cada categoria analisada com a situação real e concreta, dando a ela um cunho transformador, o que demonstra que sua metodologia se configura como *práxis*. Levanta, então, a questão (sua obra é

permeada por uma quantidade delas): “quando é possível dizer que existem as condições para que se possa criar e desenvolver uma vontade coletiva nacional-popular?” Exemplifica esses termos quando afirma: “Qualquer formação de uma vontade coletiva nacional-popular é impossível se as grandes massas dos camponeses cultivadores não irrompem *simultaneamente* na vida política. Isso é o que Maquiavel pretendia através da reforma da milícia, isso é o que os jacobinos fizeram na Revolução Francesa” (p. 1560; p.18). Propõe, então, que seja feita “uma análise histórica (econômica) da estrutura social do país em questão e uma representação ‘dramática’ das tentativas feitas através dos séculos para criar esta vontade e as razões dos sucessivos fracassos”.

A História, para Gramsci, é o grande apoio metodológico. Deve-se ir a ela sempre que a análise do objeto em foco exigir, para que esse objeto seja entendido concretamente, como “síntese de múltiplas determinações”. (MARX, p. 218). Trata-se do historicismo em Gramsci, que é diferente do que não raramente é apresentado em teses e dissertações, quando o aluno entende que deve fazer uma “varredura” histórica acerca de seu tema, e essa fica solta, desarticulada do restante do texto. Ao contrário, Gramsci vai à história sempre que é necessário esclarecer melhor o seu objeto de estudo, para concretizá-lo. Não se desgarrá dela em todo o decorrer do processo.

- Gramsci mostra dois pontos fundamentais que deveriam constituir a estrutura do trabalho do moderno príncipe: a “formação de uma vontade coletiva nacional-popular, da qual o Moderno Príncipe é ao mesmo tempo organizador e expressão ativa e operante, e reforma intelectual e moral”. A partir daí, levanta a questão:

Pode haver reforma cultural, ou seja, elevação civil das camadas mais baixas da sociedade, sem uma precedente reforma econômica e uma modificação na posição social e no mundo econômico? É por isso que uma reforma intelectual e moral não pode deixar de estar ligada a um programa de reforma econômica; ao contrário, o programa de reforma econômica é precisamente o modo concreto com o qual se apresenta cada reforma intelectual e moral. (Cad. 1, P. 1561; p. 19).

Observa-se como os tópicos de reflexão são entendidos articuladamente, na análise gramsciana. A superestrutura (cultura) ligada à estrutura (economia). Essa posição esclarece aos

estudantes como seu objeto de análise está, também, articulado com a base estrutural da sociedade.

**3** - Ao analisar a distinção que Croce faz entre “momentos do Espírito” e “momentos da prática”, Gramsci afirma: “Numa filosofia da práxis, a distinção certamente não será entre os momentos do Espírito absoluto, mas entre os graus da superestrutura”; Depara-se, então, com a questão decorrente: “Mas se pode falar de dialética dos distintos e como se pode justificar a introdução do conceito de distinção numa filosofia da práxis?” E conclui apresentando o “conceito de ‘bloco histórico’, isto é, unidade entre a natureza e o espírito (estrutura e superestrutura), unidade dos contrários e dos distintos”. (P.1569; p. 26).

Essa análise é fundamental para explicitar que a utilização de *distinção* feita pela Escolástica é diversa daquela feita pela Dialética, usada por Gramsci. A partir desse esclarecimento, Gramsci vai utilizar muitas vezes a *distinção*.

**4** - Ao afirmar que “Maquiavel é um homem inteiramente de seu tempo...” (p. 1572; p. 30), Gramsci demonstra sua metodologia historicista ao completar, indicando as obras do sábio: “E não só a *Arte da guerra* deve ser ligada ao *Príncipe*, mas também as *Histórias florentinas*, que devem efetivamente servir como uma análise das condições reais italianas e européias das quais derivam as exigências imediatas contidas em *O Príncipe*”. Acrescenta, ainda, que: “De uma concepção de Maquiavel mais aderente à época deriva, subordinadamente, uma avaliação mais historicista dos chamados ‘antimaquiavélicos’.” (P. 1573; p.30-31). Desenvolve, então, toda uma análise de alguns desses autores, situando-os, assim como a obra de Maquiavel, no contexto histórico. Dessa forma, vai concretizando o tema abordado.

#### **5** - A questão do *dever ser*.

Muitas vezes, nas pesquisas, o mestrando ou doutorando se detém a indicar como seu objeto de estudo “deveria ser”, o que, geralmente, vai além da análise científica do objeto de estudo e por isso é criticado pelo orientador, que entende que uma pesquisa deve se ater ao *ser*, ao *que é*. Mas, o “dever ser” é reprovável em qualquer condição? A análise historicista, marxiana, que Gramsci faz, esclarece essa questão de forma elogiável.

Afirmando que Maquiavel é um político em ato, que pretende criar novas relações de força, e, portanto, não pode deixar de ocupar-se do “dever ser”, (ressalvando que: “não em sentido moralista”), esclarece que a questão é complexa e que deve ser colocada nos seguintes termos:

...trata-se de ver se o ‘dever ser’ é um ato arbitrário ou necessário, é vontade concreta ou veleidade, desejo, miragem. O político em ato é um criador, um suscitador, mas não cria a partir do nada nem se move na vazia agitação de seus desejos e sonhos. Toma como base a realidade efetiva: mas o que é essa realidade efetiva? Será algo estático e imóvel, ou, ao contrário, uma relação de forças em contínuo movimento e mudança de equilíbrio? Aplicar a vontade à criação de um novo equilíbrio das forças realmente existentes e atuantes, baseando-se naquela determinada força que se considera progressista, fortalecendo-a para fazê-la triunfar, significa continuar movendo-se no terreno da realidade efetiva, mas para dominá-la e superá-la (ou contribuir para isso). Portanto, o ‘dever ser’ é algo concreto, ou melhor, somente ele é interpretação realista e historicista da realidade, somente ele é história em ato e filosofia em ato, somente ele é política (p. 1578; p. 35).

**6 - “Princípios de metodologia histórica”:** distinção, no estudo de uma estrutura, entre os “movimentos orgânicos” (relativamente permanentes) e “movimentos de conjuntura” (que se apresentam como ocasionais, imediatos, quase acidentais) (p.1579; p. 36), que Gramsci considera que “deve ser aplicada a todos os tipos de situação”, E, demonstrando sua forma dialética de analisar, acrescenta: “Também os fenômenos de conjuntura dependem, certamente, de movimentos orgânicos, mas seu significado não tem um amplo alcance histórico...”

Gramsci acrescenta uma orientação metodológica: “Quando se estuda um período histórico, revela-se a grande importância dessa distinção”. E conclui: “Estes critérios metodológicos podem adquirir visível e didaticamente todo o seu significado quando aplicados ao exame de fatos históricos concretos”. (P. 1580; p. 38).

A partir daí, Gramsci passa a exemplificar o uso deles, na análise do que aconteceu na França de 1789 a 1870.

O texto gramsciano esclarece perfeitamente a metodologia do historicismo, necessária para que seja feita uma análise dialética.

**7 –** Gramsci afirma que “... é sempre necessário, por razões didáticas, dado o público específico, examinar cada modo sob o qual se apresenta uma mesma questão como se tratasse de um problema independente e novo”. Tal orientação é complementar àquela apresentada no caderno 24 (p. 2268; p. 206), quando aconselha o uso da *repetição*:

A ‘repetição’ paciente e sistemática é um princípio metodológico fundamental: mas a repetição não mecânica, ‘obsessiva’, material, e sim a adaptação de cada conceito às diversas peculiaridades e tradições culturais, sua apresentação e reapresentação em todos os seus aspectos positivos e em suas negações tradicionais, situando sempre cada aspecto parcial na totalidade.

Essa é, sem dúvida, uma indicação metodológica de fundamental importância, principalmente para educadores, e foi apresentada dentro dos mais rigorosos princípios do Materialismo Histórico.

Em seguida, o autor dedica-se a analisar e buscar resposta à questão formulada, levantando aspectos diversos. Complementa, então: “Pode-se dizer (...) que todos esses elementos são a manifestação concreta das flutuações de conjuntura do conjunto das relações sociais de força, em cujo terreno verifica-se a transformação destas relações em relações políticas de força, para culminar na relação militar decisiva”. E alerta:

Se não se verifica esse processo de desenvolvimento de um momento a outro, e esse é essencialmente um processo que tem como atores os homens e a vontade e capacidade dos homens, a situação se mantém inoperante e podem ocorrer desfechos contraditórios: a velha sociedade resiste e garante para si um período de ‘tomada de fôlego’, exterminando fisicamente a elite adversária e aterrorizando as massas de reserva; ou, então, verifica-se a destruição recíproca das forças em conflito com a instauração da paz dos cemitérios, talvez sob a vigilância de uma sentinela estrangeira.

A conclusão que vem a seguir não poderia ser mais clara e rigorosa:

Mas a observação mais importante a ser feita sobre qualquer análise concreta das relações de força é a seguinte: tais análises não podem e não devem ser fins em si mesmas (a não ser que se trate de escrever um capítulo da história do passado), mas só adquirem um significado se servem para justificar uma atividade prática, uma iniciativa de vontade. (P. 45; p. 1588).

Exemplifica, assim, a análise historicista da questão em foco.

**8 -** Questionando as bases individualistas do voluntariado, Gramsci, sempre defensor da organização coletiva, em *blocos*, o que, aliás, é básico na lógica materialista, argumenta da seguinte forma:

É preciso distinguir e avaliar diversamente, por um lado, os empreendimentos e as organizações de voluntários e, por outro, os empreendimentos e as organizações de blocos sociais homogêneos (é evidente que, por voluntários, não se deve entender a elite quando ela é expressão orgânica da massa social, mas sim o voluntário separado da massa por seu impulso individual arbitrário e em freqüente oposição à massa ou a ela indiferente) (p. 1623-1624; p. 80-81).

### **Conclusão**

A utilização da metodologia marxista, fundamentada na *práxis*, conforme LÖWY, tem sua maior vantagem “no argumento gramsciano de que, diferentemente das outras filosofias que, visando a consolidar interesses contraditórios, têm historicidade curta, ‘porque após algum tempo as contradições aparecem à superfície e se tornam irreconciliáveis, a filosofia da práxis, pelo contrário, é precisamente a teoria das contradições, que ela assume integralmente’ (LÖWY, 1994, p.136). (Michelotto, 1999, p. 11-12)”.

Reafirma-se, assim, que o estudo da obra de Gramsci tem sua importância baseada não apenas na riqueza, profundidade e rigor de suas análises, o que já configura um grande apoio a pesquisadores interessados nessa área, como ainda apresenta para estes fundamentais subsídios metodológicos.

### **Referências**

GRAMSCI, A. **Cadernos do cárcere**. Trad.: C. N. Coutinho. Rio de Jan., Civilização Brasileira, vol. 2, 2000; vol. 3, 2000.

\_\_\_\_\_ **Caderno 12**. Trad. Paolo Nosella. São Carlos, 1989.

\_\_\_\_\_ **Quaderni del cárcere**. A cura de Valentino Gerratana. Einaudi Tascabili, Torino, 1974 e 2001.

\_\_\_\_\_ **Novas Cartas de Gramsci e algumas cartas de Piero Sraffa**. Trad. C. N. Coutinho e Marco A. Nogueira. Rio de Jan. Paz e Terra, 1987.

LÖWY, M. - **As Aventuras de Karl Marx contra o Barão de Münchhausen** - Cortez Ed., S. Paulo, 5ª. Ed. 1994.

MARX, K. **Contribuição à Crítica da Economia Política**. 2<sup>a</sup> ed. S. Paulo, Martins Fontes, 1983.